

A VIAGEM COMO
DES(RE)CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE NA
OBRA *ESSA TERRA*, DE
ANTÔNIO TORRES

Conselho Editorial

Viviane Bengezen – UFCAT, Goiás, Brasil

Dilma Mello – UFU, Minas Gerais, Brasil

Divanize Carbonieri – UFMT, Mato Grosso, Brasil

Grenissa Stafuzza – UFCAT, Goiás, Brasil

Ivan Marcos Ribeiro – UFU, Minas Gerais, Brasil

Leonardo Francisco Soares – UFU, Minas Gerais, Brasil

Luciana Borges – UFCAT, Goiás, Brasil

Mariano Dubin – UNLP, Buenos Aires, Argentina

Mariana Mastrella-de-Andrade – UnB, Brasília, Brasil

Shaun Murphy – USASK, Saskatchewan, Canada

Tania Ramos – UFSC, Santa Catarina, Brasil

Roseane Oliveira de Araújo Félix

A VIAGEM COMO
DES(RE)CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE NA
OBRA *ESSA TERRA*, DE
ANTÔNIO TORRES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Félix, Roseane Oliveira de Araújo

A viagem como des(re)construção da identidade na obra essa terra, de Antônio Torres [livro eletrônico] / Roseane Oliveira de Araújo Félix. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2024.– (Linguagem, Cultura, Identidade)

ePub

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-817-3

1. Crítica literária 2. Identidade 3. Migração I. Título II. Série.

24-207093

CDD-801.95

Índices para catálogo sistemático:

1. Crítica literária 801.95

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vanderlei Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: Léa Evangelista Persicano

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 4

FORMATO DIGITAL

BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*À memória de meus pais, dona Estelina e seo Alderico,
criaturas da terra e do Nordeste, que a mim fizeram Nordeste.*

*A todos aqueles que um dia deixaram
o seu ninho em busca de novos horizontes.*

Agradecimentos

Agradeço a Deus, minha fonte infinita de luz e ânimo, pois nos momentos de angústias e incertezas sou agraciada por uma força maior; até aqui Ele tem guiado os meus passos e abençoado minhas escolhas.

Sou grata à minha sogra, Marizete Rosa Souza Félix, pelas orações elevadas aos céus em meu favor. Cada vez que o meu coração se enchia de aflição e medo, essa mulher incrível estava sempre por perto para me encorajar; com ela aprendi a ser mais confiante.

Nessa caminhada, segurou-me a mão, Thiago Fernando Souza Félix, esposo e amigo, com amor, apoio e compreensão.

À melhor parte de mim, Miguel Lucca de Araújo Félix. Com paciência e meiguice no olhar me fortalece e me motiva a prosseguir. Obrigada, filho amado, por cada flor retirada do jardim da vovó e trazida até mim, durante as horas infundáveis frente ao computador.

Aos meus familiares, pelo auxílio, carinho e incentivo contínuos.

Pedra bruta em processo de lapidação é isso o que sou. Obrigada, professor João Batista Cardoso, por se fazer um lapidário em minha vida, um orientador exímio! Sem o seu apoio as páginas deste livro não teriam ganhado forma.

Aos professores, Ulysses Rocha Filho e Fabianna Simão Bellizzi Carneiro, pela leitura criteriosa e ricas contribuições durante o exame de qualificação e defesa da dissertação, que hoje recebe o formato de livro.

Minha gratidão à Gilca Sônia Correia Borges (professora e amiga que guardo com carinho em meu coração), Maria Selma da Silva (minha mãe/mainha das terras goianas) e Beatriz Lebre de Castro Ribeiro (outro presente que Catalão, GO me deu, tia conselheira, amiga de todas as horas), grandes mulheres que cruzaram meu caminho. Obrigada por abrirem os braços e as portas de suas casas para me acolher, quando aqui cheguei.

A todos os professores da UALL/PPGEL/UFCAT e funcionários que contribuíram de forma direta ou indireta, para minha formação.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pela concessão de bolsa e incentivo à pesquisa durante minha permanência no mestrado.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
INTRODUÇÃO	11
HISTÓRIA E FICÇÃO: UMA INTERFACE POSSÍVEL	19
DESAFIOS DA IDENTIDADE NOS MOVIMENTOS DE TRANSCULTURAÇÃO	31
OPRESSÃO E LIBERTAÇÃO A PARTIR DOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	49
A VIAGEM POR <i>ESSA TERRA</i> : PASSOS E TROPEÇOS	59
REFERÊNCIAS	103

PREFÁCIO

Este livro é fruto da dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2021, no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL), na Universidade Federal de Catalão – UFCAT. Nesta obra estão os resultados de uma pesquisa desenvolvida “a quatro mãos”. De um lado encontravam-se, muitas vezes, duas mãos convulsas, guiadas por turbilhões de ideias. Do outro lado, haviam as mãos amenas, prontas para indicar o caminho a ser percorrido com mais segurança. Nos momentos de incertezas, o Professor João Batista Cardoso, com sua calma e empatia, às mãos convulsas, ditava esperança e nesse esperar surge a segurança e a certeza de seguir avante, numa investigação que tem como principal norte contribuir com as reflexões de leitores e dialogar com os anseios de pesquisadores que fomentam acerca da migração.

Dessa forma, o objetivo deste estudo é mostrar a migração e a des(re)construção da identidade que se acentuaram na cena histórica brasileira nos anos mediais do século XX, conforme se depreende na historiografia e em particular, na obra *Essa terra* (1976), de Antônio Torres. Romance em que se vislumbra a migração na partida e no regresso. Aquela se concretiza nos retirantes que buscam o sul à procura de um eldorado, onde as condições de sobrevivência fossem possíveis; o regresso aparece

como vontade de retorno dificultado, no entanto, os meios para isso se esvaem nas dívidas contraídas com os patrões. Assim, a saudade e os tons do pesar como assevera Antonio Cornejo Polar (1997[2000, p. 303]), que acrescenta na mesma página: “triunfo e nostalgia não são termos contraditórios no discurso do migrante” (Polar 1997[2000], p. 303); isto é, são elementos imanentes a esse discurso, e se constituem aspectos identitários quando se espalha por toda a comunidade daqueles que um dia se retiraram. A partida pode ser vista como momento festivo, apesar da fome que lhes machuca o estômago e das estradas “sem fim” aonde, a cada légua vão deixando pedaços de alpercatas rotas, horizontes com enigmas indecifráveis, como a continuidade ou o adensamento das mesmas condições que os forçaram a partir. Enfim, a viagem se torna o elemento mais enfático quando o problema pesquisado é a des(re)construção da identidade do sujeito migrante.

INTRODUÇÃO

As sociedades são multiculturais, abrangem indivíduos de costumes e condutas que diferem uns dos outros e a relação estabelecida entre os grupos que partilham de um mesmo território os torna sujeitos heterogêneos. A propósito, Stuart Hall (2009) reflete acerca da questão multicultural, observando que desde a expansão europeia esse pluralismo de culturas vem se intensificando, então compreendemos que os fenômenos migratórios são fatores contribuintes para sociedades culturalmente plurais. Portanto, para Hall (2009 p. 52), “a migração e os deslocamentos dos povos têm constituído mais a regra que a exceção, produzindo sociedades étnica ou culturalmente ‘mistas’”. Esse fato pode ser apreendido tanto na historiografia quanto em obras ficcionais de meados do século XX.

É no encaixo dessa reflexão que o livro ora apresentado almeja seguir, analisando um fenômeno histórico que migrou para as páginas da ficção, aqui representada pela obra *Essa terra*, do autor Antônio Torres.¹ Investigamos a migração pelo viés de sua influência na identidade de indivíduos que se deslocam.

1. Da cidade de Sátiro Dias, no estado da Bahia, para o mundo, Antônio Torres nos apresenta, por meio de suas narrativas, temas instigantes e extremamente necessários para o ser humano. Antes de se consagrar na Literatura Brasileira Contemporânea, dedicava-se às atividades do

Numa perspectiva sociológica, entendemos que a identidade é uma conjunção entre indivíduo e sociedade; ela é construída na relação com o outro e com o meio, estabelecida pelo sentimento de pertença. Eis, portanto, um desafio gerenciar as relações coletivas e defender a individualidade, pois, enquanto a identidade social está voltada para o outro a identidade pessoal volta para si.

A reflexão de Hall permite observar que os processos migratórios, em geral, interferem diretamente na constituição e formação de identidades, de maneira individual ou coletiva, aqueles que estão sujeitos à situação da diáspora passam por transformações, suas “identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas” que os impulsionam e mantêm em movimento (Hall 2009, p. 26), visto que, ao transitar por locais distintos há inúmeras possibilidades de contato com outras identidades e culturas, as quais se articulam para moldar o sujeito.

As migrações – externas ou internas – são, em geral, resultados de fatores de expulsão e de atração, cujo eixo central está associado, muitas vezes, a questões sociais e econômicas. No Brasil, com o avanço do capitalismo e o desenvolvimento da Indústria, a década de 1930 foi marcada por um intenso fluxo de deslocamentos, principalmente da região Nordeste para o Sudeste. Esse deslocamento pode ser demonstrado pelo intenso êxodo rural dessa época e a consequente concentração

jornalismo e redator publicitário; desde a infância teve contato com a literatura, na escola recitava poemas de Castro Alves. Atualmente Antônio Torres é membro da Academia Brasileira de Letras, dono de uma vasta obra que lhe renderam alguns prêmios importantes no Brasil e no exterior – prêmio Machado de Assis e o prêmio Chevalier des Arts et des Lettres, na França, pelas traduções de suas obras no país – escreveu romances, contos, crônicas e literatura para jovens.

da população nas cidades, as quais funcionam como polo de atração para o fluxo migratório.

No caso da migração de nordestinos, a expulsão acontece por decorrência do clima árido do sertão e da falta de planejamento político, as poucas ações voltadas nesse sentido não foram suficientes para amenizar os impactos causados pela seca. As consequências, nesse caso, são a pobreza extrema e descontrole econômico. Em meio à falta de perspectiva de vida, surge atração dos grandes polos econômicos, os centros urbanos tornam-se um meio de sobrevivência e espaço que propicia a adaptação identitária e social.

A cidade, portanto, é um lugar de segregação, mas não deixa de ser, também, um símbolo (profundamente incrustado em nosso imaginário) da diversidade humana, espaço em que convivem massas de pessoas que não se conhecem, não se reconhecem ou mesmo se hostilizam. E é essa imagem, da desarmonia e da confusão, que traduz o fascínio que as cidades exercem, como locais em que se abrem todas as possibilidades. (Dalcastagnè 2011, p. 22)

Nessa perspectiva, a literatura é uma das dimensões culturais capazes de proporcionar condições que contribuam para o entendimento de tais processos, visto que tem participação ativa nas discussões da sociedade que perpassam a história, como foi o caso da migração nordestina, representada em narrativas de 1930, como *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos e *O quinze* (1930) de Rachel de Queirós, cuja preocupação central era com o homem em sua interação com a sociedade e com a história.

O romance *Essa terra*, de Antônio Torres, objeto de investigação no presente estudo, filia-se à similar preocupação. Reflete um tempo histórico em que a falta de perspectiva e a ameaça à sobrevivência no meio rural fizeram aumentar a

migração para as cidades. Associando tristeza e esperança, numa forma dramática, humorística e irônica, esse romance retrata os migrantes nordestinos das áreas rurais, nos momentos mais difíceis de seu encontro com o desconhecido. Consoante a essa concepção, Regina Dalcastagnè (2003, p. 34) enfatiza que:

A literatura acompanhou a migração para as grandes cidades, representando de modo menos ou mais direto as dificuldades de adaptação, a perda dos referenciais e os problemas novos que foram surgindo com a desterritorialização. Assim, o espaço da narrativa brasileira atual é essencialmente urbano ou, melhor, é a grande cidade, deixando para trás tanto o mundo rural quanto os vilarejos interioranos.

Trata-se, portanto, de uma obra influenciada pela ficção brasileira dos anos 1930, cuja tendência explica-se na circunstância de que os autores traduziram sua percepção do país em termos de um nacionalismo crítico, diverso daquela forma anterior de olhar o país como terra exuberante ao modo dos nativistas românticos e seu ufanismo acentuado nas produções da Semana de Arte Moderna, quando o Brasil e sua história se tornaram temas edênicos. O nacionalismo crítico manifestava o compromisso do autor com sua terra, à qual estendia um olhar que, transcendendo as belezas naturais e o exótico, atingia, além das aparências, as contradições que impediam ao país um progresso que fosse humanizante, isto é, voltado à inclusão e não à exclusão social.

Essa terra é um romance marcado por sua universalidade, tendo em vista que o tema da diáspora, do exílio, do desenraizamento e do êxodo envolve a condição humana desde o surgimento da civilização como a concebemos nos dias que transcorrem, ao mesmo tempo em que aponta para a preservação ou o abandono de valores, pois o desenraizamento

e conseqüente esfacelamento da identidade conduzem, na obra em questão, à ruptura da estrutura familiar.

Edward Said (2000[2003]), no livro *Reflexões sobre o exílio*, discute os temas em questão de maneira enriquecedora, suscitando a experiência pessoal de exilado em consonância ao próprio conhecimento teórico-crítico. Muitas considerações propostas no livro condizem com o momento vivido pelas personagens de Antônio Torres e dialogam com a nossa proposta de estudo, por concordamos com Said quando enfatiza que “o exílio baseia-se na existência do amor pela terra natal e nos laços que nos ligam a ela” (2000[2003, p. 59]). Nessa mesma linha de raciocínio, Said observa que “o que é verdade para todo exílio não é a perda da pátria e do amor à pátria, mas que a perda é inerente à própria existência de ambos” (Said 2000[2003, p. 59]). O êxodo, nessas circunstâncias, degenera-se sob a forma desumanizante do exílio. O homem perde suas raízes e se degrada antes que possa criar novas raízes nas terras para onde vai.

Portanto, é de praxe que numa pesquisa com abordagens acerca da migração e transformação de identidades, surjam indagações, e as perguntas que circundaram nossas buscas foram: de que forma os processos migratórios contribuem para a des(re)construção da identidade? Quais as conseqüências que a migração somada aos fatores de opressão traz para o sujeito? É possível administrar a relação entre os envolvidos nos processos de deslocamentos, de modo que a fragmentação identitária, inevitável nesses percursos, não afete a preservação da memória e da cultura de um povo?

Esses questionamentos conduzem a uma fundamental discussão sobre a possibilidade de relacionamento entre a história e a literatura, considerando que ambas, apesar de possuírem ponderações diferentes, têm a função de representar ou contar as experiências do homem, seja num tempo histórico ou ficcional.

Dessa forma, a obra *Essa terra*, de Antônio Torres aborda momentos de um tempo histórico-social, mais acentuado por volta de 1930, em que se percebe a desestruturação familiar derivada de vários fatores, como a seca que desencadeava na expulsão de indivíduos, falta de saneamento básico e investimento econômico específico para essas regiões afetadas pela escassez de chuvas, sobressaindo, dentre esses, a impossibilidade do sujeito de se adaptar à cidade.

Entre os temas recorrentes na obra *Essa terra*, a desterritorialização e a transformação da identidade aparecem com mais evidência, inseridas num quadro de derrota e frustração, em que observamos as personagens passarem por desilusões; o abandono forçado de suas raízes e a decepção com a cidade grande.

Mesmo que sejam obrigados a se afastarem de seu lar, os migrantes de Antônio Torres levarão consigo a esperança de um retorno, quiçá um retorno próspero. No entanto, a partida é a única certeza, pois o retorno para o lugar de origem, muitas vezes, é dificultado pela falta de recursos. Uma vez entregues às terras estranhas, se transformam, para o mercado de trabalho, em mão de obra barata. São, em alguns casos, explorados e induzidos a acúmulos de dívidas de difícil quitação, isto porque o alimento se torna mais caro que o valor dos serviços prestados.

Essas considerações nos fazem crer na hipótese de que, por meio da viagem há uma questão de identidade construída na relação do homem com a terra, pois esta guarda histórias, mitos e sabores que contribuem para levá-lo a uma identificação mútua, principalmente quando passam a vislumbrar em cada um a projeção do mundo material e espiritual que lhes conferiu o jeito de ser e viver. A viagem em processo transforma as personagens e propicia a relação com a terra, que somada à identidade leva a uma experiência amorosa, formada pela dificuldade de se viver distante dos espaços de origem; logo, é necessário que se estabeleçam meios para lidar com o vazio

deixado pelo afastamento, isto é, na tentativa de manter viva uma memória, procuram nos encontros com seus semelhantes, resgatar a cultura e os costumes, seja através de bailes organizados, roda de conversa, para relembrar os momentos vividos no sertão ou até mesmo na comunicação através de cartas com aqueles que estão distantes.

Com o intuito de consolidar nossos objetivos de pesquisa, o presente livro está dividido em quatro capítulos. No primeiro, “História e ficção: uma interface possível”, abordamos questões referentes à relação existente entre textos literários e a história. À luz dos pressupostos de Aristóteles (1966) e Auerbach (2007) analisamos como a historiografia é representada em textos ficcionais levando em consideração os conceitos de mimesis e verossimilhança, que segundo Aristóteles (1966), não se circunscreve ao campo da verdade, mas ao do possível.

No segundo capítulo, “Desafios da identidade nos movimentos de transculturação”, sintetizamos as questões identitárias do sujeito e suas relações, ao transitar por espaços que o força reconstruir e transformar sua identidade primeira a partir dos seus contatos necessários, como parte da migração. Ainda nesse capítulo estudamos as influências que os contatos entre distintas culturas produzem na identidade do sujeito. Para embasar nossas reflexões, tomaremos como suporte teórico crítico contribuições de Stuart Hall (2003, 2009 e 2015), Kathryn Woodward (2009), Tomaz Tadeu da Silva (2009) e Néstor García Canclini (1991[2019]).

Para o capítulo terceiro, destinamos discussões que se referem aos desdobramentos que envolvem a migração. Nesse capítulo, “Opressão e libertação na obra *Essa terra* a partir dos processos migratórios”, intentamos mostrar que nesse curso de deslocamentos, o indivíduo é oprimido por uma gama de ações que contribuem para o seu afastamento dos centros sociais, ou seja, o retirante é, muitas vezes, colocado à margem da sociedade. Além disso, assentamos, por meio do discurso

do pesar e da fala que reporta os tons da nostalgia, as relações entre os migrantes, seu local de origem e seu local de destino. Nossas discussões aqui são ancoradas nas contribuições de Fredric Jameson (1981[1992]), Stuart Hall (2009), Edward Said (2000[2003]) entre outros autores também importantes para a pesquisa.

O quarto capítulo, “A viagem dos retirantes: passos e tropeços”, é designado para a análise da obra em estudo que compõe o *corpus* da pesquisa. Após tratarmos do tema a partir de reflexões críticas, nos dedicamos a analisar questões que tangem à obra literária escolhida para explicitar os aspectos levantados. Dessa forma, a identidade, a cultura e o meio social em geral são aspectos qualitativos que têm demarcado a literatura desde suas origens. Esse aspecto amplia a importância do presente estudo, assim como também as memórias resgatadas de um povo, tanto em sua individualidade quanto na coletividade, exercitando a participação de outras gerações na construção da história de cada sujeito ou de toda a sociedade. A obra *Essa terra* traz como ideia central, questões relacionadas principalmente à migração e à desterritorialização da população nordestina, uma vez que parte desse povo afetado pela estiagem migra do sertão árido para o litoral úmido, passando por mudanças tanto individuais quanto coletivas; logo, os modelos de identidades culturais sofrem alterações em decorrência das relações estabelecidas entre grupos diferentes.